

issn: 2176-5960



Προμηθεύς
journal of philosophy



n. 42 maio - agosto de 2023

TRADUÇÃO DO ARTIGO 2 DA QUESTÃO 4 DO “COMENTÁRIO AO DA TRINDADE DE BOÉCIO”, DE TOMÁS DE AQUINO

Mário Queiroz Carvalho

PPGLM-UFRJ

Markos Klemz Guerrero

PPGLM-UFRJ

Nota introdutória

O processo que deu origem à presente tradução, feita com base no texto crítico da edição Leonina (Paris: Ed. Du Cerf, 1992, tomo 50), ocorreu em sua maior parte ao longo de 2021, em encontros virtuais entre Mário Carvalho, Markos Klemz, Rodrigo Guerizoli (PPGLM-UFRJ) e Vitor Bragança (UFG). O ponto de partida para essa empreitada coletiva foi uma tradução preliminar realizada por Vitor Bragança, que serviu como inspiração e base do trabalho que se seguiu. Nesses encontros, debatemos calorosamente escolhas de tradução, buscando ponderar e conciliar critérios como a fidelidade ao texto estabelecido, rigor terminológico, fluidez e inteligibilidade do texto traduzido. Além disso, esforçamo-nos por analisar conceitualmente as teses apresentadas por Tomás nesse que é seu mais detido texto sobre o problema da individuação de substâncias compostas.

Nesses dois quesitos, a presença de Mário entre nós foi um privilégio, tanto pelo seu apurado conhecimento do latim, a que sempre recorriamos para dirimir dúvidas,

quanto pela sua perspicácia filosófica. Suas intervenções em nossos encontros eram tão serenas e pontuais, quanto argutas e decisivas. Por questões circunstanciais, a última versão da tradução, ora apresentada, foi finalizada apenas com a minha presença e a de Mário.

*

Tomás de Aquino, *Comentário ao Da Trindade de Boécio, questão 4, artigo 2*

Quanto ao segundo [artigo]¹, assim se procede: parece que variedade de acidentes não pode ser causa de pluralidade segundo número. O Filósofo, de fato, diz em *Metafísica V* que são um em número aqueles cuja matéria é uma; logo, também [são] muitos em número aqueles cujas matérias são muitas. Logo, variedade de acidentes não faz diversidade em número, mas antes diversidade de matéria [o faz].

Ademais, o Filósofo diz em *Metafísica X* que, para as coisas, a causa da substância e da unidade é o mesmo. Mas acidentes não são, para os indivíduos, causa da substância, logo, nem da unidade; e então, por consequência, nem da pluralidade segundo número.

Ademais, todos os acidentes, porque sejam formas, de si mesmos são comunicáveis e universais; mas nenhum tal [item] pode ser, para outro, princípio de individuação; logo, acidentes não são princípio de individuação. Mas quaisquer [itens] são diversos segundo número enquanto divididos em sua individuação. Portanto, acidentes não podem ser princípio de diversidade segundo número.

Ademais, como aqueles que diferem em gênero ou espécie no gênero da substância diferem segundo a substância e não somente segundo o acidente, assim também aqueles que diferem segundo número. Mas alguns são ditos diversos em gênero ou espécie por aquilo que está no gênero da substância. Portanto e similarmente são ditos diversos em número por aquilo que está no gênero da substância e não por acidentes.

¹ Todos os textos entre colchetes são inserções dos tradutores, ausentes do texto estabelecido.

Ademais, removida a causa é removido o efeito. Mas todo acidente calha ser do sujeito removido ou em ato ou cogitação. Se, então, o acidente é princípio de identidade e diversidade segundo número, calharia em ato ou cogitação o mesmo às vezes ser uno segundo número, às vezes, na verdade, diverso.

Ademais, o posterior nunca é causa do anterior. Mas dentre todos os acidentes a quantidade tem o primeiro lugar, como diz Boécio no *Comentário às Categorias*; dentre as quantidades, contudo, o número é naturalmente anterior, já que é mais simples e mais abstrato. Logo, é impossível que algum outro acidente seja princípio de pluralidade segundo número.

Mas contrariamente está o que [diz] Porfírio, que a coleção de acidentes que não se dão em outro faz o indivíduo. Mas aquilo que é princípio de individuação é princípio de diversidade segundo número. Logo, acidentes são princípio de pluralidade segundo número.

Ademais, no indivíduo nada é encontrado senão forma, matéria e acidentes. Mas diversidade de formas não faz diversidade segundo número, mas segundo espécie, como patenteia [Aristóteles] em *Metafísica X*. Diversidade de matéria faz, na verdade, diversidade segundo gênero. Diz, de fato, o Filósofo em *Metafísica X*, que diferem em gênero aqueles dos quais não há matéria comum, nem geração de um para o outro. Logo, nada pode fazer diversidade segundo número senão diversidade de acidentes.

Ademais, aquilo que se encontra comum em muitos diferentes em espécie não é causa da diversidade segundo número, porque a divisão do gênero em espécies precede a divisão da espécie em indivíduos. Mas matéria encontra-se comum em diversos segundo espécie, porque a mesma matéria está sujeita a formas contrárias; do contrário, possesores de formas contrárias não se transmutariam reciprocamente. Logo, a matéria não é princípio de diversidade segundo número, nem a forma, como está provado. Logo, resta que os acidentes sejam causa dessa diversidade.

Ademais, no gênero da substância nada é encontrado senão gênero e diferença. Mas os indivíduos de uma única espécie não diferem em gênero nem por diferenças substanciais. Logo, não diferem senão por diferenças acidentais.

Resposta. Há de se dizer que, para a evidência dessa questão e daquelas [coisas] que no texto são ditas, deve-se ver o que seja causa desta tríplice diversidade, a qual no texto é assinalada. Como, porém, no indivíduo composto no gênero da substância não

haja senão três, a saber, matéria, forma e composto, deve-se encontrar a partir de algum destes a causa de qualquer [uma] daquelas diversidades. Há de se ter ciência, portanto, de que diversidade segundo gênero é reduzida a diversidade de matéria, diversidade segundo espécie, na verdade, a diversidade de forma, mas diversidade segundo número parcialmente a diversidade de matéria, parcialmente a diversidade de acidente.

Como, porém, o gênero é princípio do [ato de] conhecer, posto que primeira parte da definição, [e] a matéria, porém, segundo si é ignota, a diversidade de gênero não pode ser captada daquela [matéria] segundo si [mesma], mas somente por aquele modo pelo qual é cognoscível. É, porém, cognoscível duplamente. De um modo por analogia ou por proporção, como dito em *Física I*, isto é, como dizemos ser matéria aquilo que desse modo está para as coisas naturais: assim como o lenho para a cama. De outro modo é conhecida pela forma, pela qual tem ser em ato. Cada um, de fato, é conhecido segundo o que é em ato e não segundo o que é em potência, como dito em *Metafísica IX*.

E segundo isso duplamente é tomada a diversidade de gênero a partir da matéria. De um modo da diversa analogia para com a matéria, e assim em função da matéria são distinguidos os primeiros gêneros de coisas. Com efeito, o que está no gênero da substância se compara à matéria como a uma sua parte; o que, na verdade, está no gênero da quantidade não tem matéria como parte sua, mas se compara a ela como medida, e qualidade [se compara à matéria] como disposição. E mediante esses dois gêneros todos os outros gêneros obtêm diversas comparações para com a matéria que é parte da substância, a partir da qual a substância tem razão de sujeito, segundo a qual aos acidentes é comparada. De outro modo, segundo a matéria é aperfeiçoada pela forma, em função da matéria é tomada a diversidade de gêneros. Como, de fato, a matéria seja potência pura, e Deus ato puro, a matéria ser aperfeiçoada em direção ao ato que é forma nada mais é senão em certa medida participar de alguma similitude do ato primo, ainda que imperfeitamente; tal como aquilo que já é composto de matéria e forma seja um médio entre potência pura e ato puro.

A matéria, porém, não recebe igualmente de toda parte similitude do ato primo, mas de algumas imperfeitamente, de algumas, na verdade, mais perfeitamente, posto que alguns participam da divina similitude apenas na medida em que subsistem, alguns, na verdade, enquanto vivem, alguns, na verdade, enquanto conhecem, alguns enquanto integram. Portanto, a similitude mesma do ato primo em qualquer matéria existente é

sua forma; mas tal forma, em alguns, apenas faz ser, em alguns, ser e viver, e assim quanto aos outros: de fato, uma e a mesma² similitude mais perfeita tem tudo aquilo que tem a similitude menos perfeita e mais ainda. Logo, algo é encontrado de comum em ambas as similitudes, que em uma põe-se sob a imperfeição e em outra [sob] a perfeição, assim como a matéria punha-se sob o ato e a privação; e então a matéria tomada em conjunto com esse [item] comum é ainda material em relação às preditas perfeições e imperfeições. E a partir desse [item] material é tomado o gênero, a diferença, na verdade, a partir das preditas perfeição e imperfeição; assim como a partir desse [item] comum material, que é ter vida, é tomado esse gênero corpo animado; a partir da perfeição superadicionada, na verdade, essa diferença sensível; a partir da imperfeição, na verdade, essa diferença insensível; e assim, a diversidade de tais [itens] materiais induz diversidade de gênero, assim como animal [é diverso] de planta. E por isso a matéria é dita ser princípio de diversidade segundo o gênero; e pela mesma razão a forma é princípio de diversidade segundo a espécie, porque a partir dos preditos [itens] formais, os quais possuem para com os ditos [itens] materiais, donde os gêneros são tomados, relação de forma para com matéria, são tomadas diferenças que constituem espécies.

Há de se ter ciência, contudo, que embora aquele [item] material, do qual o gênero é tomado, possua em si matéria e forma, o lógico considera o gênero somente a partir de sua parte que é formal, donde também suas definições serem ditas formais; mas o [filósofo] da natureza considera o gênero a partir de ambas as partes. E por isso calha, às vezes, que algo comunga dum gênero segundo o lógico, que não comunga segundo o [filósofo] da natureza. De fato, calha, às vezes, que aquilo referente à similitude do ato primo que segue algumas coisas em tal matéria siga outra [coisa] sem matéria e outra [coisa] em outra matéria totalmente diversa; assim como é patente que a pedra na matéria, a qual está em potência para com o ser, concerne ao que subsiste, mesmo [item] a que concerne o sol segundo uma matéria [em potência] para o lugar e não para o ser, e o anjo, carente de toda matéria. Onde o lógico, encontrando, em todos esses, aquele [item] material do qual tomava um gênero, põe todos num gênero da substância. O [filósofo] da natureza, na verdade, e o metafísico, os quais consideram

² Embora tenhamos buscado preservar as escolhas editoriais da Leonina quanto à pontuação – assim como quanto à divisão em parágrafos –, permitimo-nos aqui uma divergência. No texto estabelecido, “uma e a mesma” encontra-se logo após “e assim quanto aos outros”, separada por vírgula e seguida de dois pontos, a partir de onde continua a oração cujo sujeito é “similitude mais perfeita”. Consideramos mais adequado ler “uma e a mesma” como uma qualificação de “similitude” que evoca a tese da unicidade da forma substancial.

todos os princípios da coisa, não encontrando conveniência na matéria, dizem diferir em gênero, segundo aquilo que é dito em *Metafísica X*, que corruptível e incorruptível diferem em gênero e que convêm em gênero aqueles cuja matéria é una e a geração de um para o outro³. Logo, assim é patente de que modo a matéria faz a diversidade em gênero e a forma diversidade em espécie.

Entre indivíduos de uma única espécie há de se considerar, na verdade, a diversidade por este modo. De fato, segundo o Filósofo em *Metafísica VII*, assim como as partes do gênero e da espécie são matéria e forma, também as partes dos indivíduos são esta matéria e esta forma. Donde, assim como a diversidade da matéria ou da forma absolutas faz a diversidade em gênero ou espécie, também esta forma e esta matéria fazem a diversidade em número.

Porém, nenhuma forma enquanto tal é esta a partir de si mesma – digo, porém, “enquanto tal” por causa da alma racional, que de certo modo é um este algo a partir de si mesma, ainda que não enquanto forma. De fato, o intelecto é feito para atribuir a muitos qualquer forma que possa ser recebida em algo como numa matéria ou num sujeito, o que é contra a razão daquilo que é um este algo. Donde a forma é feita esta por isto – receber-se na matéria. Mas como a matéria em si seja indistinta, não pode ser que individue a forma recebida, a não ser na medida em que é distinguível. De fato, a forma não é individuada por isto – receber-se na matéria – senão na medida em que é recebida nesta matéria distinta e determinada ao aqui e agora. A matéria, porém, não é divisível senão pela quantidade, donde o Filósofo diz em *Física I* que, subtraída a quantidade, a substância restará indivisível. E dessa maneira, a matéria é feita esta e assinalada na medida em que está sob dimensões.

Ora, essas dimensões podem ser consideradas duplamente. De um modo, segundo a terminação delas; e digo serem elas terminadas segundo determinada medida e figura, tal como entes perfeitos colocam-se no gênero da quantidade; assim não podem ser princípio de individuação, pois, como tal terminação das dimensões é variada frequentemente no que tange ao indivíduo, seguir-se-ia que o indivíduo não restaria sempre o mesmo em número.

³ De acordo com a Leonina, a família de manuscritos beta omite “e a geração de um para o outro”. Coincidência ou não, o segundo critério de unidade genérica apresentado de fato não parece ser cumulativo em relação ao primeiro, mas sim alternativo, uma vez que nem tudo que é de um mesmo gênero admite manter entre si relações de geração e corrupção. Corpos celestes não mantêm relações de geração e corrupção entre si porque simplesmente não são corruptíveis.

De outro modo, podem ser consideradas sem essa determinação, na natureza da própria dimensão, ainda que nunca possam ser sem alguma determinação, assim como a natureza da cor não o pode sem a determinação do branco e do negro; assim são colocadas no gênero da quantidade como [um ente] imperfeito, e a partir destas dimensões sem terminações a matéria é feita esta matéria assinalada, e assim individua a forma. E assim, a partir da matéria, é causada a diversidade segundo número na mesma espécie. Donde é patente que a matéria tomada em si nem é princípio de diversidade segundo espécie nem segundo número; mas assim como [a matéria] é princípio de diversidade segundo gênero consoante está sob uma forma comum, assim é princípio de diversidade segundo número consoante está sob dimensões indeterminadas.

E por isso, já que estas dimensões são de um gênero de acidentes, às vezes a diversidade segundo número é reduzida a diversidade de matéria, às vezes a diversidade de acidente, e isto em razão das preditas dimensões. Outros acidentes, na verdade, não são princípio de individuação, mas são princípio de cognição da distinção dos indivíduos. E por este modo também a individuação é atribuída a outros acidentes.

[Quanto] ao primeiro [argumento], portanto, há de se dizer que, quando o Filósofo diz que são um em número aqueles cuja matéria é uma, há de se inteligir [que se trata] da matéria assinalada, que está sob dimensões; caso contrário, seria preciso dizer que todos os geráveis e corruptíveis são um em número, já que a matéria deles é uma.

[Quanto] ao segundo [argumento], há de se dizer que as dimensões, já que são acidentes, não podem ser por si princípio de unidade individual da substância, mas a matéria, consoante está sob tais dimensões, é inteligida ser princípio de tal unidade e multidão.

[Quanto] ao terceiro [argumento] há de se dizer que é da razão de indivíduo que ele seja indiviso em si e diviso dos outros por uma divisão última. Ora, nenhum acidente tem a partir de si a própria razão de divisão a não ser a quantidade; donde as dimensões a partir de si mesmas têm uma certa razão de individuação segundo um determinado sítio, justo na medida em que o sítio é diferença da quantidade. E assim a dimensão tem dupla razão de individuação, uma a partir do sujeito, assim como qualquer outro acidente, e outra a partir de si mesma, enquanto tem um sítio; razão pela qual, mesmo abstraindo da matéria sensível, imaginamos esta linha e este círculo. E por isso, adequadamente, convém à matéria individuar todas as outras formas a partir disto,

subjazer àquela forma que a partir de si mesma tem razão de individuação, de tal maneira que também as dimensões determinadas mesmas, que se fundam no sujeito já completo, são individuadas de certo modo a partir da matéria individuada pelas dimensões indeterminadas pré-inteligidas na matéria.

[Quanto] ao quarto [argumento] há de se dizer que aqueles [itens] que diferem em número no gênero da substância não só diferem por acidentes, mas também por forma e matéria. Mas caso se pergunte por que a forma deles é diferente, não seria outra a razão senão porque está em outra matéria assinalada; nem se encontra outra razão por que esta matéria seja divisa daquela, senão por conta da quantidade. E por isso entende-se ser a matéria sujeita à dimensão o princípio desta diversidade.

[Quanto] ao quinto [argumento] há de se dizer que aquela razão procede de acidentes completos, que seguem o ser da forma na matéria, mas não de dimensões indeterminadas, que são pré-inteligidas na matéria antes da própria forma: de fato, sem estas o indivíduo não pode ser inteligido, assim como nem [o pode] sem a forma.

[Quanto] ao sexto [argumento] há de se dizer que o número, falando formalmente, é anterior à quantidade contínua; mas materialmente a quantidade contínua é anterior, já que o número resulta da divisão do contínuo, como se diz no livro III da *Física*. E segundo esta via, a divisão da matéria segundo dimensões causa diversidade segundo número.

[Quanto às] razões que são em contrário, é patente a partir do que foi dito de que maneira há de se concedê-las, e de que maneira concluem o falso.